



Alimentos

Exportações nacionais batem recorde em 2024

Europa resiste aos transgênicos de Trump

2025-02-14 P. 4-5 e 26-27



O Jornal Económico





Agroalimentar bate novo recorde de exportações com mais de oito mil milhões

Comércio ■ Setor voltou a fixar novos máximos de exportações com 8.190 milhões de euros à boleia de um crescimento perto de 50% do azeite (ainda que com forte efeito preço) e do mercado da UE. Brasil cresce e beneficiará com acordo Mercosul, ao passo que EUA não preocupam por enquanto.

João Barros

jbarros@medianove.com

As exportações da indústria agroalimentar nacional voltaram a bater recordes em 2024, ultrapassando os oito mil milhões de euros e cumprindo assim o objetivo fixado para o ano. É um sinal do potencial exportador neste segmento e mais um passo no caminho até aos 10 mil milhões de vendas ao exterior até ao final da década, um marco que se tornará mais alcançável com a prioridade dada nas instituições europeias à recuperação da competitividade.

Um crescimento de 8,7% em 2024 colocou as vendas do setor agroalimentar ao exterior em 8.190 milhões de euros, ultrapassando assim a barreira dos 8 mil milhões, o objetivo desenhado pela Federação das Indústrias Portuguesas Agroalimentares (FIPA) para o ano que fechou. Este salto foi conseguido sobretudo pelo mercado europeu, que cresceu 12,6%, bastante acima da subida de 1,2% para os países extra-UE.

"Estamos praticamente, numa década, a duplicar as exportações da indústria em valor", começa por referir ao JE o presidente da FIPA, Jorge Henriques, embora já com a mira apontada ao próximo objetivo. "Isto impõe-nos um grande desafio: temos definido há alguns anos que nesta década temos de ultra-



Jorge Henriques
Presidente da FIPA

Raio-X

■ **Recorde** Setor registou novo máximo de exportações com 8.190 milhões de euros, mais 8,7% do que em 2023.

■ **UE** Países europeus representaram 68,3% do total e cresceram 12,6%, enquanto os extra-UE subiram apenas 1,2%.

■ **Produtos** Azeite é líder destacado, com 19,4% do total e uma subida de 46,5% (27% em volume); vinho surge a seguir com 11,8% do total e uma subida de 4,5%.

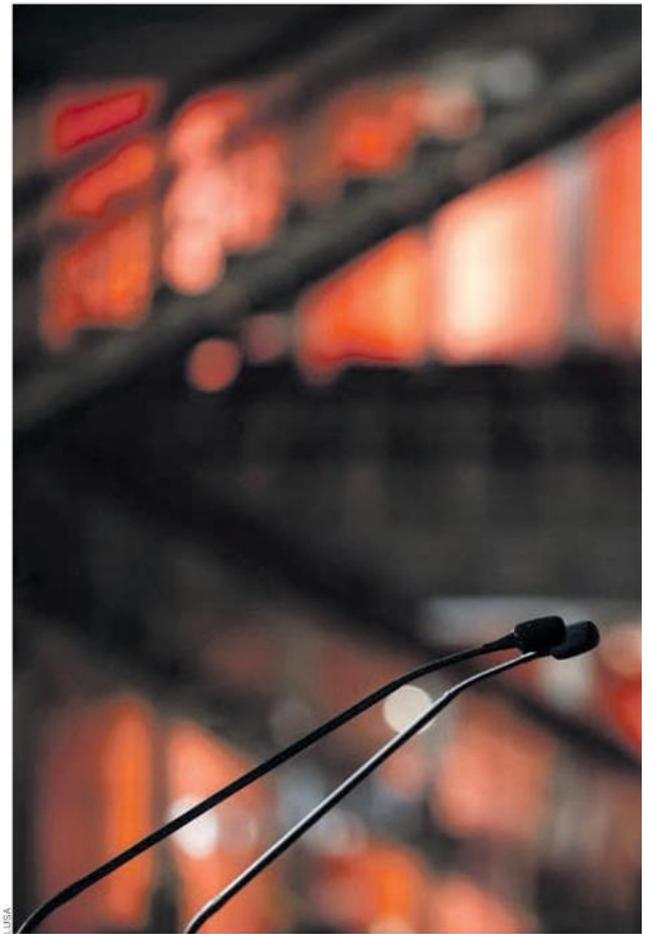
■ **Quedas** Açúcar foi o único dos dez produtos mais exportados que caiu (6%), enquanto Alemanha, Angola e Suíça registaram decréscimos.

passar os 10 mil milhões, mesmo com as contingências que o mundo atravessa" [ler texto ao lado].

Espanha continua a ser o mercado mais relevante para a indústria nacional, pesando 38,6% do total exportado - uma evolução ainda mais assinalável se tivermos em conta que há quatro anos pesava 29% -, mas nem por isso deixou de crescer acima de 10%, com um salto de 13,2% em relação a 2023 até aos 3.159 milhões de euros. Na mesma linha, o Brasil cresceu 13,9%, chegando a 644 milhões exportados e mantendo o terceiro lugar como destino mais relevante da produção portuguesa.

Olhando especificamente para o mercado brasileiro, o acordo comercial com o Mercosul abrirá "novas portas e novos horizontes" para os produtos nacionais, que vinham enfrentando "muitas restrições" à entrada. E não falamos unicamente dos "produtos tradicionais, como o vinho e o azeite, mas também de, por exemplo, conservas de peixe e tomate", dois tipos de bens que têm vindo a ganhar importância e renome internacional.

Além do crescimento em relação ao ano anterior, o peso do Brasil no total exportado também subiu de 7,5% para 7,9%. De destacar ainda a evolução do mercado italiano, que cresceu 43,2%, com 484,5 milhões de euros.



Indústria agroalimentar quer chegar aos 10 mil milhões de euros exportados ainda

Em sentido inverso, dos 12 destinos mais comuns para as exportações agroalimentares portuguesas, Alemanha, Angola e Suíça registaram decréscimos em relação ao ano anterior. A economia germânica, mergulhada numa recessão e numa crise estrutural, comprou menos 0,2% a Por-

tugal, mas conseguiu ultrapassar Angola como o oitavo destino nacional, dada a perda de 8,6% nas vendas para o mercado angolano. A Suíça, último país do top-12, registou menos 0,7% de importações a Portugal.

Tarifas não assustam

A relação comercial com os EUA tem estado em foco nos últimos tempos, dada a ameaça de tarifas vindas de Washington, mas Jorge Henriques não se mostra demasiado preocupado com esta eventualidade. O mercado cresceu 4,2% em 2024, mas foi ultrapassado pelos Países Baixos como sexto destino dos bens agroalimentares portugueses, que subiu 11,9%.

Quanto à possibilidade de políticas protecionistas norte-americanas, o presidente da FIPA lembra que "ainda não há qual-

"Estamos praticamente, numa década, a duplicar as exportações da indústria em valor"



esta década e, para tal, necessita da diplomacia económica portuguesa a trabalhar para isso

quer definição de nenhuma taxa sobre o setor nacional, sendo que a indústria europeia tem "de olhar para os erros que cometeu e não se escudar" nestas medidas.

Falando num mercado "competitivo, caro para entrar", mas "com grande potencial", o representante do setor defende que "a Europa deve estar concentrada" e preparar-se para "criar alternativas" caso os EUA avancem com uma postura mais agressiva - e um dos países vizinhos pode assumir uma importância acrescida.

"Ao lado temos o México, que é outro dos mercados extremamente importantes para muitos dos players portugueses neste setor e outros", refere, sendo que as empresas olham cada vez mais para a "colocação de ativos estratégicos" naquelas geografias.

Azeite e vinho são quase um terço do total

Dois dos produtos emblemáticos da produção nacional representam quase um terço das exportações agroalimentares em 2024, o azeite e o vinho, sendo que, no primeiro caso, o crescimento é de mais de 45%. As exportações de azeite chegaram a 1.592 milhões de euros, uma subida de 46,5% em relação a 2023, uma evolução com forte influência da inflação registada neste bem - embora a subida em volume seja superior a 27%. Já o vinho subiu 4,5% até 965 milhões de euros exportados, sendo que, em conjunto, ambos os bens representam 31,2% do total exportado pelo setor. As conservas de

tomate, laticínios e produtos de padaria e pastelaria fecham o top-5, tendo crescido, respetivamente, 1,4%, 3,3% e 6,7%. Entre os dez bens mais exportados, destaque para as conservas de peixe, a rubrica que mais cresceu a seguir ao azeite (13,3%) e para os açúcares e produtos de confeitaria, a única que recuou (6%). Este top-10 representa 58% do total de exportações agroalimentares em 2024, sendo composto, além dos produtos já mencionados, por cervejas de malte, produtos hortícolas preparados ou conservados e café, tudo categorias de bens a crescerem acima de 6%.

Rumo aos 10 mil milhões de vendas ao exterior até ao final da década

Exportações ■ O próximo objetivo já está definido e o setor conta, para lá chegar, com uma diplomacia económica favorável e menos regulamentação de Bruxelas.

João Barros
jbarros@medianove.com

O rumo para a próxima década está bem definido: ultrapassar os 10 mil milhões de euros de exportações até ao final da década. Para isso, o setor quer um alinhamento da política económica com as necessidades dos empresários e uma UE menos restritiva, mas enaltece a relação positiva com o Governo até agora.

A conjuntura não é fácil, mas a evolução recente do ramo agroalimentar permite ter perspetivas positivas para os próximos anos, colocando a fasquia num nível ambicioso. A ajudar a este objetivo, o produto nacional é cada vez mais "reconhecido e apetecido em todas as geografias para onde exportamos", tanto pela sua qualidade, como pelo packaging e inovação, defende Jorge Henriques, presidente da FIPA.

Ainda assim, "é preciso uma consolidação dos instrumentos" ao dispor dos empresários para continuarem a sua afirmação internacional, uma política que vai para lá do apoio financeiro.

"Não me reporto apenas a envelopes financeiros, mas sim ao apoio dos diferentes escritórios: quer das organizações que são instrumentos para exportação, quer das embaixadas - da diplomacia económica", explica, sobretudo dado que "o desafio é crescer fora da UE".

Em concreto, o Ministério da Economia e a AICEP "poderão ter um papel extremamente importante a nível da promoção externa dos produtos nacionais", sendo que a FIPA classifica como

"positivo" o relacionamento neste primeiro ano de Governo. "À frente dos dois ministérios com quem mais trabalhamos diretamente, a Economia e a Agricultura, estão duas pessoas que conhecem bem o terreno, o setor e já deram mostras de um olhar criterioso" para o ramo, elogia Jorge Henriques.

Nesta linha, e além das vendas ao exterior, a internacionalização terá um papel preponderante. Urge criar marcas e "fortalecer" as já existentes, de forma a ganhar mais resistência a choques negativos - e têm sido vários nos últimos anos - e subir na cadeia de valor. As marcas nacionais dificilmente conseguirão competir "em pé de igualdade, porque a nossa dimensão é completamente diferente da dimensão de outras marcas a nível internacional", mas "Portugal já perdeu demasiado tempo".

Na dimensão europeia, a prioridade terá de ser o reforço da competitividade, agenda que a FIPA apoia. No detalhe, a necessidade de desregulamentação terá um impacto importante no setor, e, com Bruxelas a colocar a segurança económica a par da competitividade no topo das prioridades, as instituições europeias devem olhar para o ramo como "um eixo fundamental e estratégico".

"Não falo de um retrocesso, mas tem de se olhar para dentro e ver se tudo aquilo que fizemos não foi demasiado ambicioso relativamente àquilo que são as necessidades da economia europeia", continua, reiterando que tal "não pode comprometer nem a saúde dos consumidores, nem questões ambientais".

"A Europa não pode viver sem indústria, nem sem indústria alimentar. [...] Retomar o processo de industrialização é fundamental e, para isso, é preciso serem criadas as condições, como rever muita da legislação que tem levado a que as indústrias saiam da Europa", reforça.